Leitão e Ludwig, na mira dos malufistas

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O deputado Paulo Maluf promove, hoje, uma espécie de assembléia geral do choro. Encenará a hora das lamentações, que certamente se prolongará por muito mais de 60 minutos, no auditório Nereu Ramos, no Congresso. Lá cabem 200 pessoas, e a intenção do candidato é não deixar lugar vazio. Estão convocados os dirigentes de sua campanha, todos os deputados e senadores que queiram mostrar-se malufistas, bem como os integrantes do diretório nacional do PDS e até simpatizantes sem mandato. O rótulo é a instalação do comitê nacional de propaganda de sua candidatura, mas o conteúdo será o reconhecimento público do malogro. A certeza de que, a continuarem as coisas como vão, Tancredo Neves estará mais do que eleito no colégio eleitoral de 15 de janeiro.

Fala-se de choro e lamentações porque, conforme as previsões de ontem, vasto grupo de malufistas aproveitará para criticar duramente o governo. Para demonstrar irritação diante do que julgam apatia e impotência do Ministério em conseguir mais adesões para o candidato oficial. As diatribes serão personalizadas: para o ministro Leitão de Abreu irá, repetida, a acusação de trabalhar contra o candidato, mas a figura principal a ocupar o pelourinho parece ser o ministro Rubem Ludwig. Como o chefe do Gabinete Civil, também o chefe do Gabinete Militar receberá cobranças e merecerá palavras duras. Outros altos funcionários do Executivo acabarão aquinhoados, como os ministros Mário Andreazza, Esther de Figueiredo Ferraz e quem sabe até Delfim Netto, de uns dias para cá apontado como não fazendo o que poderia ou deveria fazer.

É o desespero que grassa nas hostes de Paulo Maluf. A três meses e 20 dias da eleição, ninguém mais duvida da sorte de suas pretensões. Assim, para os que se colocam ao seu redor, haverá que arranjar vítimas, culpados e alvos específicos para justificar a débâcle. O candidato, maliciosamente, permanece declarando estar eleito e, mais do que isso, não ter nada a ponderar ou criticar na postura do governo federal. Mas seus seguidores aumentam o diapasão do protesto, e não se cometerá a ingenuidade de supor que o fazem de per si, sem, ao menos, a liberação do chefe. Hoje, dia de reunião dos malufistas, é dia de alegria, nos arraiais adversários, do ex-governador Tancredo Neves.

Tudo como está

Mudar, não muda mais nada. As regras do jogo são as que aí estão, e, por elas, vão realizar-se as eleições presidenciais, empossando-se a 15 de março quem tiver vencido no colégio eleitoral, a 15 de janeiro. Apesar de certos desejos ocultos, nada de golpes e de retrocessos, de um lado, como nada de adoção do parlamentarismo, da substituição de candidatos, ou, mesmo, da volta imediata às eleições diretas, de outro. As turbulências havidas e por haver constituem e constituirão pequenos incidentes de percurso, apesar de superdimensionadas logo que acontecem.

É claro que ninguém está proibido de imaginar, articular, amedrontar e tumultuar. O governo, mesmo, costuma fazer isso duas vezes por semana. Só que não adianta e, até, faça-se justiça, grande parte de suas figuras insurge-se contra a prática. O melhor será ir empurrando as perplexidades com a barriga e aguardar a nova administração. Preparar-se para Tancredo Neves.

Mais por esporte do que para valer, falava-se ontem de uma nova tese. O Palácio do Planalto poderia curvar-se à necessidade de estabelecer eleições diretas, para não ser derrotado e desmoralizado nas indiretas; mas como não haveria tempo para realizá-las dentro do atual calendário, seria necessária a prorrogação do mandato do general João Figueiredo por seis meses. Ele presidiria, lá para abril, a um pleito nacional amplo e direto para sua sucessão, podendo concorrer candidatos de todos os partidos. Mudar-se-ia a legislação eleitoral para favorecer o voto facultativo e proporcionar tempo para um alistamento extra de quem o desejasse. A volta às diretas já daria ao País condições para a realização de seus anseios maiores, e a prorrogação, ao presidente João Figueiredo, tempo para colher mais alguns frutos da recuperação econômica, para colocar a casa em ordem e passar o poder a quem vencesse.

Trata-se de mais uma ilusão. Não há, no governo, ânimo para nada, muito menos para cartada tão decisiva. Há dois meses, bem que alguns auxiliares presidenciais tentaram, mas encontraram na apatia do chefe barreira intransponível. Ele parece incomodar-se pouco com sua imagem, ou, então, realisticamente, não acredita poder beneficiar-se de mudanças na economia, muito lentas e tão graduais que talvez nem o seu sucessor o possa. O Congresso, de seu turno, vive e respira o clima da eleição indireta, com os dois candidatos já colocados. Se custa a dar número para alterações na política salarial, jamais fornecerá presenças suficientes para mudar as regras do jogo, e este só poderá ser mudado por dois terços dos deputados e senadores. Também a Tancredo Neves e a Paulo Maluf a manobra não interessa. Um aferra-se a obstinações e sonhos, outro constrói a realidade no dia-a-dia.

Quem dera...

O líder do PT na Câmara, deputado Airton Soares, reage com ironia às acusações de que Tancredo Neves, uma vez eleito presidente da República, tornar-se-á presa fácil e joguete na mão das esquerdas. Quem dera. Para o parlamentar paulista, as esquerdas estão conscientes da necessidade de assegurar a transição que lhes garanta maiores espaços no futuro. O País prepara-se para sair de um regime militar autoritário para um regime de centro, capaz, mesmo, de constituir-se num regime de centro-direita. Não importa, se a opção for permanecer no autoritarismo ou, coisa igual, contribuir para a eleição de Paulo Maluf. Por isso, ele sustenta dentro do PT a participação no colégio eleitoral, caso Tancredo Neves venha a necessitar dos votos do PT para eleger-se. Se não precisar, melhor, o partido não participará, mas, se a opção for abster-se e ver Maluf no Palácio do Planalto, ou participar e contribuir para que Tancredo se torne presidente, não pode haver hesitação.

Para Airton Soares, sempre haverá perigo de golpe ou retrocesso, se os detentores do poder estão prestes a perdê-lo.

C.C.